

**As pessoas ao centro**

## **Empreendedorismo para a Sustentabilidade das Organizações**

Maria Luísa Silva (mlfcsilva@gmail.com)



A partir da análise teórica dos conceitos de desenvolvimento sustentável, responsabilidade social e sustentabilidade empresarial, procurámos investigar a relação entre desenvolvimento regional e estratégias de sustentabilidade empresarial que integrem práticas de responsabilidade social. Abordadas à luz da estratégia de desenvolvimento regional – Alentejo 2015, para evidenciar tal relação, tive oportunidade de fazer uma investigação, através de dissertação de mestrado, intitulada “Do Desenvolvimento Sustentável à Sustentabilidade Empresarial: Um estudo regional multi-casos”. Orientada pelos professores Estêvão de Moura e Fátima Jorge, estudaram-se práticas de responsabilidade social adoptadas por quatro organizações escolhidas: a EDIA, S.A., uma sociedade anónima de capitais exclusivamente públicos; a Sociedade Agrícola Freixo do Meio, S.A., uma pequena empresa privada pertencente à sociedade que estrutura o grupo Sousa Cunhal – Investimento, SGPS S.A., a Delta Cafés SGPS, S.A., uma sociedade holding portuguesa de capitais inteiramente privados e o grupo de empresas Esporão, S.A.. Embora com características diferenciadas, estas organizações apresentam alguns aspectos comuns nas práticas de responsabilidade social adoptadas, até ao nível dos factores que influenciam a sua implementação.

Um ano após o final da investigação e pouco mais de um mês depois das provas públicas do Mestrado em Gestão – especialização em Recursos Humanos, ideias não faltam para estudos futuros relacionados com temas que cada vez mais estão, ou deveriam estar, na ordem do dia, ligados ao Empreendedorismo e à Sustentabilidade das Organizações.

Decorrente do trabalho que tenho desenvolvido durante os dois últimos anos enquanto responsável do Eixo do Emprego, Formação e Qualificação do Contrato Local de Desenvolvimento Social de Évora, e da crise que cada um, à sua maneira, acaba por viver, não sendo eu, claramente, uma excepção, é para mim cada vez mais óbvia a necessidade de, com rigor, atendermos à relação inovação e sustentabilidade, em que cada indivíduo e organização deve tornar-se inovador e sustentável. Conforme ideia expressa por Barbieri e Simantob (2007, p. 105)<sup>1</sup>, “as inovações constituem uma peça chave para que as organizações possam contribuir para o desenvolvimento sustentável, pois o que está em jogo é um modo de produção da subsistência humana que seja compatível com a capacidade de suporte do planeta e que seja equitativo, pois as disparidades de rendimentos entre regiões, povos e classes são o outro lado de uma apropriação desigual dos recursos da Terra. Alcançar esse tipo de desenvolvimento é tarefa para todos os que entendem que o estado de degradação ambiental e social está chegando ao ponto de não haver mais retorno”.

A começar pelas organizações objecto daquela dissertação, gostaria de poder vir a analisar a evolução das organizações apresentadas, percebendo cada vez mais como é que estas lidam com a sua sustentabilidade e, muito em particular, que repercussões é que isso terá no próprio desenvolvimento de um território como o Alentejo. Gostaria de aprofundar as análises da dimensão social interna e externa, principalmente, ao nível da Gestão de Recursos Humanos, coesão social e emprego.

Neste sentido, seria para mim interessante perceber em que medida as organizações são geridas por valores, isto é, que significado é dado ao papel das pessoas, aos seus valores, àquilo que verdadeiramente as move numa organização, e a sua importância para se alcançar um desenvolvimento sustentável. Muito gostaria de utilizar um modelo do género do que é proposto por Richard Barrett editado recentemente em Portugal, através de uma publicação do BCSD Portugal – Conselho Empresarial para o Desenvolvimento Sustentável.

A par disto penso também que seria oportuno analisar acções empreendedoras ao nível das práticas de responsabilidade social, evidenciando a importância do empreendedorismo no desenvolvimento local, principalmente de micro, pequenas e médias empresas que hoje em

---

<sup>1</sup> Barbieri, J.C., Simantob, M.A.. 2007. Organizações Inovadoras Sustentáveis: Uma reflexão sobre o futuro das organizações. Editora Atlas, S.A., São Paulo, Brasil.

dia se redefinem e reinventam para conseguir dar continuidade, muitas vezes, ao trabalho de décadas.

A análise do território e o seu ordenamento estratégico estão na ordem do dia, digo isso porque, muito recentemente, foi criado o Instituto do Território que, ao que parece procurará, em suma, uma melhor gestão de recursos para o desenvolvimento sustentável das regiões. Não nos esqueçamos que os territórios dependem das pessoas, das actividades aí instaladas, e vice-versa. É que “o bem-estar das regiões e a utilização da base de recursos físicos destas regiões são claramente mutuamente fenómenos interligados. Assim, é evidente que o desenvolvimento económico regional e as estratégias de sustentabilidade podem ser vistas como forças complementares entre si que podem reforçar-se mutuamente” (Capello e Nijkamp, 2009, p. 302)<sup>2</sup>. Assim sendo, teremos que concordar que “a concentração de empresas competitivas num dado território tenderá a transformá-lo em território também competitivo. Por outro lado, um território profusamente dotado de externalidades positivas tenderá simultaneamente a favorecer a competitividade das empresas nele implantadas, promovendo assim a sua própria competitividade” (Figueiredo, 2005, p. 487)<sup>3</sup>.

À semelhança do estudo efectuado, muito gostaria de um dia poder realizar investigação tendo por base a estratégia Alentejo 2020, que decorre da estratégia Europa 2020. Para as mesmas empresas analisadas naquela dissertação, uma outra análise poderia ter sido feita a partir do índice de sustentabilidade empresarial proposto pelo Observatório da Sustentabilidade Empresarial. Em que medida chegaríamos, ou não, às mesmas conclusões obtidas.

Por último, e dada a importância crescente das organizações sociais (Drucker dizia mesmo que o século XXI será o século das organizações sociais), parece-me muito pertinente estudar as suas estratégias de sustentabilidade, a partir da análise das suas práticas de gestão, como fazem a gestão dos valores e que influencia é que estes aspectos têm no desenvolvimento profissional dos seus colaboradores, das comunidades e, por sua vez, nas regiões onde nascem

---

<sup>2</sup> Capello, R., Nijkamp, P.. 2009. Revisitar as teorias de desenvolvimento regional. *Compêndio de Economia Regional*, pp. 287 – 317. Principia, Cascais.

<sup>3</sup> Figueiredo, A.M., 2005. As políticas e o planeamento do desenvolvimento regional. *Compêndio de Economia Regional*, pp. 477 – 499. Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Regional.

ou que as acolhem. São hoje cada vez mais necessárias competências ao nível do planeamento estratégico das organizações e da sua gestão comportamental. Empreendedorismo e criatividade são necessários para a resolução de problemas, para a antecipação de outros, para descobrir novos produtos, serviços, processos e formas de relacionamento. Neste sentido, as pessoas deverão estar sempre, e cada vez mais, ao centro, no centro das organizações.